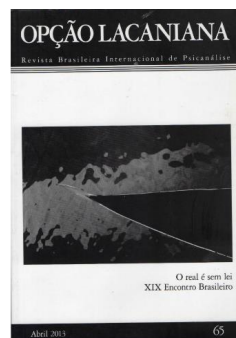


Mordidavida



Para citar use a seguinte referência

Vieira, M. A. Mordidaviva. Opção Lacaniana n. 65, São Paulo, EBP, 2013, pp. 25-34.

[Capa e índice](#)

Marcus André Vieira

Este trabalho retoma a trajetória psicanalítica do autor desde sua primeira até sua última análise. É a primeira apresentação após a travessia do Passe – procedimento criado por Jacques Lacan para esclarecer o fim de uma análise. O autor vai desde a infância até os últimos anos de análise apontando a importância que o olhar teve para ele ao longo de sua vida, mas também como foi a mudança do equilíbrio do olhar para a voz, dois objetos sublinhados por Lacan, que foi decisivo para o final de sua análise. Por fim, o texto traz uma palavra que foi composta de vários elementos que traduzem o novo valor do gozo após a análise, o termo neológico mordidavida.

Palavras-chave: Passe, olhar, fim de análise, voz, mordidavida.

This paper resumes the author's psychoanalytical pathway from his first to his the last analysis. It is the first presentation after the crossing of the Pass – the procedure created by Jacques Lacan to clarify the end of an analysis. The author goes from his childhood till his late years of analysis pointing out the importance that the glaze had to him throughout his life, but also how it was the changing of the balance from the glaze to the voice, two objects underlined by Lacan, that was decisive for the end of his analysis. Finally, the text brings a word that was composed with many elements that traduces the new value of enjoyment after the analysis, the neological term mordidavida.

Key-word: Pass, glaze, end of an analysis, voice, mordidavida.

♦ Primeiro testemunho de transmissão de AE, Apresentado no X Congresso de membros da EBP – Investigações sobre o real, Porto de Galinhas, abril de 2013.

Quando abrimos mão, com Lacan, de parâmetros gerais para decidir sobre a conclusão de uma análise; quando o número de horas de voo ou a aquisição desta ou daquela capacidade não são mais decisivos, nem mesmo o desaparecimento de um sintoma específico; como saber que se terminou? Tive a certeza de haver concluído, mesmo se só podia dizer "como" em uma língua estranha de tão pessoal. O cartel do passe, da AMP e de nossa Escola, me ouviu e decidiu que o modo como pude narrar minha conclusão valia a aposta de que por três anos eu prosseguisse tentando transmitir o que ocorreu. Por isso estou aqui.

Impossível, claro, comprimir no espaço de uma fala, tantos momentos, sessões, algumas memoráveis, outras aparentemente vazias, mas que sempre tinham valor. Contando, então, com a boa vontade de vocês, vou me limitar neste primeiro testemunho a um ângulo, o da saída. Escolhi um instante também, o da interpretação de um sonho. O essencial não foi tanto o sonho, seu relato ou seu deciframento, mas a partir dele o novo destino dado a meu inconsciente, que continua trabalhando, mas que tem outro lugar em minha vida. Precisamos, porém, de um pouco de história, preciso tentar prendê-los em minha gaiola, senão não se verá como se abriu a porta.

Um pouco de história: A clínica

A separação de meus pais aconteceu quando eu estava com dois para três anos. Minha mãe volta a viver com os pais dela em uma cidade relativamente pequena onde minha avó dirigia um negócio que envolvia a todos: três clínicas psiquiátricas no velho estilo "depósito manicomial". Eram de 400 a 500 no total. *Downs*, autistas, alguns bem graves, retardo mental, debilidade, esquizofrenia, psicopatia, tudo junto e misturado em condições precárias, vivendo basicamente das diárias dos convênios com órgãos públicos. Morávamos, minha mãe, meu irmão e minha irmã em frente à maior delas em um bairro afastado. Férias eram coisa rara, minha mãe nessa época era a administradora principal das clínicas nas quais todos os meus outros quatro tios e tias estavam de alguma forma envolvidos. Às sextas-feiras à tarde deixávamos a cidade e íamos para outra clínica, rural, em amplo espaço verde onde os pacientes, só homens, criavam animais e cultivavam a terra, distante cerca de uma hora, da qual regressávamos no domingo. Ali também passávamos quase todas as férias. Minha infância se dividiu, assim, entre a vida com meu irmão e irmã, na cidade e na escola, solitária e de muita, muita leitura e a vida nas clínicas, especialmente nessa clínica rural, onde tudo acontecia, onde todos os primos se encontravam e se reuniam para brincar com os filhos dos empregados e com internos desta clínica, adolescentes, adultos e alguns idosos.

As mulheres administravam em matriarcado absoluto. O mais impressionante, quando lembro hoje, é como essa ordem matriarcal fazia crer que tudo estava sob controle.

Todos os pacientes eram tomados como filhos de minha avó, incluindo mimos e castigos. O que ali havia de violência e excesso era vivido pela família em uma denegação radical. A maior prova talvez fosse o pavilhão que ficava a dez metros de nossa casa no sítio. Era uma grande casa de madeira onde viviam cerca de trinta homens, os mais comprometidos. Nus todo o tempo, alguns contidos no leito. Vivíamos nossos fins de semana e férias ao lado, considerando tudo em paz, mesmo quando ouviam-se gemidos. E juro que não entendia quando trazia amigos da cidade para o fim de semana e eles volta e meia ligavam para a mãe pedindo para ir embora antes do tempo.

Uma agressão sofrida aos sete anos deixa marcas especialmente por essa denegação ambiente. Um rapaz de vinte anos, um dos meus amigos, "do nada", voa em meu pescoço, e começa a me estrangular. Ninguém perto. Quando estou a ponto de apagar, ele me solta e sai andando. Ninguém viu. Recobro o fôlego e não solto um pio. Não havia o que pensar ou dizer, nem como chorar ou brigar, apenas seguir como se nada tivesse acontecido.

Ao lado desta submissão silenciosa à violência, paralelamente definiu-se minha presença no teatro dos sexos em posição ativa e viril. Desde cedo a captura do meu gozo pelo matriarcado se localizou no olhar da mãe e das meninas do sítio também. Um apelido dado por minha tia e encampado rapidamente pela família escreveu esse destino: *mosquito elétrico*. Eu era um mosquito elétrico, me agitava, bancava o palhaço, fazia e acontecia, estava em todo lugar e em lugar nenhum. Acompanhado pelo olhar de minha mãe e das outras, leve e feliz e ainda por cima tendo a experiência da barra pesada da vida e da loucura aquele mosquito seria um dia um grande homem, no mundo, longe de todo aquele peso trágico, redentor da vida presa de minha mãe àquela clínica. Claro que não foi assim.

A primeira análise: A morte e o mosquito

Cheguei, então, à primeira análise aos vinte e cinco anos cumprindo meu destino, aparentemente sem sofrimento, apenas queria ser analista (o que já é sintoma bastante). Havia me tornado médico e começava na psiquiatria. Tinha descoberto, sem ter procurado, em Paris, tanto Lacan quanto uma psiquiatria distante o bastante daquela da minha clínica para que eu pudesse gostar dela, mantendo, claro, nesse caminho minha parceria com a loucura e os loucos. A analista foi, inclusive, escolhida por seu saber sobre a loucura. Já o encontro com a psicanálise foi talvez o de uma primeira alienação consentida a um discurso, eu que tinha sido sempre um rebelde meio sem causa e um médico descrente. Não por acaso ela se deu junto com outra alienação consentida, a de viver com aquela que viria a ser minha mulher e que, namorada, havia decidido seguir-me.

Pretendo falar desse tempo em outro momento, para hoje, basta marcar que enquanto meu casamento pôde se efetivar e se recriar algumas vezes na vida, aquela análise, apesar de importantíssima, foi incapaz de atravessar o modo de sustentação viril que me dava identidade, identificação fálica sob o olhar materno. Ela me deu alguma folga com relação a esse olhar, mas permanecia dele cúmplice, confiante no projeto de futuro que ele me impunha, sem perceber que no mesmo movimento eu era obrigado a ir sempre além.

Sempre em frente, fiz o passe de entrada e me tornei membro da AMP. Após oito anos em Paris, volto ao Brasil, casado e já pai. Agora, porém, o futuro era ali. Além disso, com a crise instaurada logo a seguir na EBP me vi chamado a assumir um papel bem definido. A impressão de que minha analista demandava uma tomada de posição a seu lado, como uma mãe que contasse comigo para vencer, parecia materializar na realidade a face oculta da fantasia, o que é sempre traumático e trouxe todo um incômodo jamais experimentado na transferência. Dois períodos de análise redundaram em tentativas fracassadas de retomada, pois esse incômodo não pôde por uma razão ou por outra ser interpretado.

Esportes, condutas perigosas, um donjuanismo gratuito e uma aventura amorosa *kamikaze* me colocavam em risco sem que eu pudesse fazer diferente. Estava imerso na angústia. Uma cena sintetiza o impasse do momento:

Minha mãe me convenceu a assistir à sua cirurgia. Uma histerectomia, pois havia a possibilidade de um tumor maligno de ovário. O tumor é extraído e levado pelo patologista para exame e, descartada a malignidade ele, sem saber que estava diante do filho da paciente, descreve e comenta, como para um residente, o útero que tem em mãos: Coloração compatível com a faixa etária, presença de microinfartos benignos, provavelmente cesariado, aqui está a cicatriz da cesariana, veja... mas não havia mais ninguém para olhar, porque eu, que jamais havia passado mal na medicina, já tinha desmaiado ao olhar o furo por onde tinha vindo à luz.

Neste ponto de impasse da fantasia começa minha segunda análise, aquela que me trouxe até aqui.

Entrada em análise e um pouco mais: das palmas ao manteau

A primeira análise durara cerca de sete anos. A segunda durará doze. Ela começa com a morte em cena, mas neste ponto cego da fantasia, lugar meio de fora, como real catastrófico, agressão sem sentido, buraco negro, vão da cicatriz do útero. A entrada se deu pela nomeação, pelo analista, não da morte, mas de meu desejo de morte. Tudo funcionava sempre como uma piada que bem mais adiante me serviria: *Um mosquito diz à mãe, tchau, tou indo à ópera; ao que a mãe responde - que lindo, boa ópera, mas cuidado com as palmas hein!* A interpretação antes mesmo que eu tivesse essa piada para traduzi-lo descortinou o gozo de flertar com as palmas além do prazer da música. Nessa *ópera do mosquito*, elas traziam a morte, no mesmo ponto da admiração coletiva. Nada mais. Livrar-me desse gozo da morte era uma demanda clara, mas como o neurótico ama sua fantasia como a si mesmo, nada mais ambíguo, pois na prática eu buscava os extremos, o limite em que o bem e o mal se confundem, a periferia onde impera violência e loucura, já que apenas isso me dava o sentimento de vida. Dar lugar a essas palmas na minha vida de outro modo seria minha travessia.

Tanta coisa aconteceu naquela rua, naquela sala de espera e naquele divã! Vou indicar dois momentos de virada antes de passar ao sonho. Primeiro a urgência.

Essa análise despachou a urgência angustiada que sempre me acompanhara e que naquela época era insuportável. Uma de suas formas era o sentimento de que estava perdendo o bonde da história. Sempre correndo atrás do grande feito e do reconhecimento, temia realizar o célebre dito freudiano: "esse rapaz deixou um brilhante futuro atrás de si". Não era um brilho gratuito, pois a via eleita sempre tinha

sido o trabalho. Diante daquele Outro "tudo ou nada" do poder catastrófico do rapaz louco que me agredira e que o analista encarnava muitas vezes era preciso buscar o saber para pôr ordem no aleatório da loucura e trabalhar sem parar como se me esgotando esgotasse o perigo.

Um episódio marcou a virada quanto a essa urgência: sou o último paciente da noite e é minha última sessão de um longo dia de várias sessões em que essa posição paradoxal estava sendo tratada. Calo e ouço o analista risonar, roncar mesmo. Ocorre-me o seguinte: *se ele estiver realmente dormindo ficaremos aqui a noite toda, porque nunca terei coragem de me virar para ver se ele está dormindo realmente ou não*. Depois de um silêncio interminável, ele se levanta e encerra a sessão. Vou para a rua dizendo "Enfim, livre!". Pego meu *manteau* no cabideiro desço as escadas, caminho um tanto pela rua escura, mas quando busco minha carteira no bolso não a reconheço: não é a minha! Demoro um pouco até entender: Eu havia vestido o *manteau* errado! Outro paciente, este sim o último, provavelmente havia chegado enquanto eu estava na sessão.

Retorno então à porta do prédio, mas a partir de certa hora é preciso um código para abri-la. Eu não o tinha por nunca ter estado ali até tão tarde. Sou novamente mergulhado no meu labirinto obsessivo particular. Imagino: *e se não houvesse paciente nenhum? E se o analista, assim que saí, já fechou o consultório e foi para casa?* Novamente a certeza de que vou ficar ali a noite inteira no frio esperando para saber se ele sai ou não, porque nunca teria coragem de ir embora. Estou trancado de novo, agora do lado de fora. Graças aos céus, um morador chega com o código e consigo voltar. Sim, era o *manteau* de outro analisante que agora estava em sessão.

Um nome de gozo: Miquito

Neste desespero vivi a impotência do saber como comédia. Não há saber, código ou palavra exata que resolva o impasse, certo, mas principalmente ganhou-me a certeza do quanto portas e janelas eram secundárias. Afinal, trancado dentro ou fora eu estava sempre na prisão. O centro de tudo, o coração da coisa, seu ponto de indecível não era nem uma parede, nem um ponto cego, nem um real do além, mas alguma coisa que se apresentava naquele que roncava atrás de mim. Dormia? Não dormia? Gozava? Com a minha cara? Me interpretava?

A partir daí o analista pareceu caprichar nas intervenções que iam nesse sentido. E tome de tecladas no computador, tossidas, espirros, mexer e até rasgar jornais. Minha análise foi habitada dali quase até o final por elas. Elas me deixavam louco por marcarem a insistência de uma presença cuja intenção se recusava a ser fisgada pelo sentido. Provocavam o que vim a chamar de "fogos de artifício", produção imediata e abundante de teoria por minha parte, ideias que descreviam e dissecavam o que eu sentia, o momento da análise, os "porquês" e os "comos" de tudo isso. Vinham fácil, mas eram claramente incapazes de antecipar o real dessa presença e de neutralizá-la pelo saber, como eu gostaria.

Por estar agora orientada pelo desejo do Outro, nesta época a análise deu relevo a uma cena: Os homens do pavilhão próximo à nossa casa na clínica no sítio saíam em fila, de mãos dadas para tomar banho de mangueira em dias de calor. A violência ainda estava lá, mas o clima era todo o contrário. Eles se divertiam e até, em vez de gemer, balbuciavam coisas sem sentido.

Juntamente com estes balbucios apresentou-se outro nome para o mosquito. Meu maior amigo dos pacientes da clínica, dez anos mais velho, volta e meia tornava evidente suas segundas e terceiras intenções sexuais comigo. Eu sempre consegui dizer não e cair fora. Mas me lembrei também de como gostava dele e de como ele me chamava carinhosamente de *miquito*.

Essa foi outra virada essencial. Ao ouvir-me dizendo esse nome, tive a certeza de que não haveria outro que inscrevesse algo mais primário sobre meu gozo. Ele dizia a outra face do mosquito elétrico, incluía outra relação com o desejo do Outro, apresentando-se menos como olhar sempre a ser mantido à boa distância e mais como voz que encanta e submete. O próprio analista fora escolhido não apenas como senhor de um gozo perigoso, mas como alguém que sabia submeter-se. *Miquito* nomeava o gozo de chegar perto e correr risco, mas não exatamente de morte e sim de um encontro com o gozo. Esse nome gerava vergonha, mas tinha gravidade, estabilidade e valor.

Então era isso? Se *mosquito* falava de mim longe, sujeito, *miquito* falava de mim, ali, sob o domínio de um desejo, objeto? Então foi a passagem do olhar para a voz? Parece simples. E é. Mas isso não quer dizer que foi fácil. Foi preciso ultrapassar a invencível vontade de reduzir este objeto *miquito*, objeto *a* em que tinha se tornado o útero, a um resto e de jogá-lo fora, com vergonha, ou de me jogar fora dele, movimento que a seu tempo teve que ser devidamente interpretado e quase fisicamente interrompido pelo analista. Não foi fácil, mas teria sido impossível sem, nesta história, envolver meu pai. Falta falar dele antes do sonho.

O pai e seu desejo: a voz do pai

Ele vinha nos ver a cada duas semanas e passava o dia conosco. Dentro da cosmologia matriarcal era um fraco. Teria sido vencido por seu desejo por outras mulheres traíndo minha mãe repetidas vezes e, assim, decretado seu fim.

Fora do romance familiar, olhando para aqueles anos, fica claro que ele tinha se dado como missão fazer furo naquele horizonte fechado das clínicas abrindo um espaço para nos transmitir, por exemplo, a vida dura da cidade grande, muito especialmente dos tempos pesados de ditadura que corriam. Falava de revolução e dos que tinham caído na luta, e fazia questão de descrever as terríveis torturas que sofriam. O horror, ali, parecia trazer uma maldade que perturbava minha montagem pessoal, de um real da loucura sem intencionalidade, apenas "tudo ou nada". Por isso, eu acabava sempre optando pela versão materna, do funcionário fracassado, e por isso nunca tinha entrado para valer em um encontro com meu pai e com sua violência própria. Nessa época da análise, meu pai passou a apresentar-se de outra forma. Lembrei-me de quantas vezes, quando criança ele gritava comigo, sempre para dizer "pare de gritar! Pare de berrar no meu ouvido!". Eu só conseguia ver nisso aquele que não suportava a barra pesada da vida, ou minha exuberância. Ele parecera ser apenas o professor que apontava a violência do mundo sem nada ter a ver com ela. Podia sentir agora o quanto essa pedagogia, como toda pedagogia, veiculava também uma violência, só dele e de mais ninguém e podia me liberar da culpa por não ter podido ajudá-lo ou da tristeza por não ter sido amado.

Para sintetizar o resultado desse novo olhar sobre meu pai, narro um de seus efeitos. Um dia em um bar, ao ouvir dele mais uma vez como eu era parecido com seu irmão mais novo, com quem ele sempre tivera relações duríssimas, foi possível (em vez de

fingir ignorar) cutucá-lo dizendo: se você sempre diz que sou como o irmão com quem ficou anos sem falar, não devo andar muito em alta com você. Em vez da rejeição, nessa conversa ele pôde dizer de como nunca de sua ternura por aquele irmão. Apostando no indecível do desejo do Outro, ganhara um significante inédito, *ternura*. Fora preciso apreender o modo muito peculiar de meu pai incidir sobre os outros, pois seus berros, gritando "pare de gritar" falavam dele e de seu desejo e não apenas de uma reação de incômodo ou rejeição. Seu grito então não era nem o trovão, o estrangulamento sem sentido, nem o gemido do pobre diabo. Mas de tão oculto havia ajudado a sustentar por séculos minha grande *ópera do mosquito* em que o desejo do outro era no máximo as palmas. Descobri que o útero não guardava nenhum segredo, mas que o silêncio da cena nem sempre anunciava a possibilidade de um trovão ou cataclisma, mas podia esconder gemidos, balbucios e às vezes ternura.

Efeitos de um gozo novo: Acontecimento de um corpo e o sonho

Tudo isso eram vivido na transferência intensamente, com bem menos narrativa, o que incluía sensações corporais difíceis de apreender. Sons e intervenções do analista faziam o coração bater rápido. Os fogos de artifício brotavam sempre dali. Nesta época, em uma sessão, no momento em que falava da violência desse pulsar e associava com cenas de guerra, a interpretação veio precisa: "seu coração é um tambor."

Meu corpo, tomado pela fantasia, se vivia como o de um mosquito, leve, pronto a voar numa luta de picadas e partidas. Esse corpo era o corpo do Outro e ele tinha um centro, o peito. Mas vinha-se abrindo, em meio a tudo isso, um espaço corporal sem lugar e forma claros e nada do Outro. Era ali que ecoavam as intervenções sonoras do analista e que sentia sua presença, reagindo à sua voz de outra forma, bem distinta do tambor soando um "vamos à luta". Era o tanto de gozo fora do corpo, de vida que não cabe na vida e se manifestava como vontade de me lançar para dentro e não para fora, para o encontro com um desejo a descobrir e não a antecipar.

A voz até então provocava um acontecimento *no* corpo, o tambor; retomar minha relação com o *miquito* e com os balbucios do Outro foram levando a um acontecimento *de* corpo. Melhor, o acontecimento *de um Outro* corpo.

Nesse tempo, entre outras coisas, fui vivendo outra relação com a música, tão presente na minha história. Mais importante: Descobri uma proximidade nova com as mulheres por poder amá-las menos por sua loucura, como se ama o trovão e mais pelo modo como se viravam com um real que as ultrapassava. Para o movimento que isso tudo instaurava em minha vida, nada fálico, feminino para além do fantasma da homossexualidade ou da covardia, fui encontrando nomes, chamei-o de *elã*, ou como gostava de dizer minha talvez primeira grande amiga citando G. Rosa, *gã*. Personagens vinham dar corpo ao que sempre era pura escuridão, *Moby Dick*, talvez tenha sido o principal. Com minha mulher entramos em um novo casamento, o terceiro ou quarto em que eu podia me divertir com seu trovejar e também pedir ajuda. O medo me visitava bem mais raramente desde que o teclar do analista passara a ser índice de um desejo não anônimo e não signo do real.

O que faltava? Chegamos finalmente ao sonho. Ele se deu no intervalo entre o período de análise em que estava e aquele que veio a ser o último. Passo ao relato:

O sonho e sua interpretação: Mordidavida

É noite, chego na pequena rua da casa materna. Diante da porta fechada, na penumbra, estendido na calçada estreita está um corpo. Há dúvida: é um homem? Um cadáver ou um boneco de pano como os de Judas dos antigos sábados de Aleluia? Eu me aproximo. A porta está fechada, mas uma pequena janelinha da porta está aberta, a casa está às escuras.

Quando olho para o boneco ele parece se mexer, algo me diz que poderia ser meu pai. Estou ao longo da calçada no sentido contrário dos carros assim posso ver os faróis chegando. Como a calçada é mínima, cada carro que nos cruza, passa por cima do ombro deste homem que sobra da calçada e que tento tomar nos braços e lhe provoca grande dor e um gemido lancinante.

Não sei o que fazer, pois só quero fugir, mas sou médico e não posso não prestar socorro. Neste momento de dor ouve-se uma barulheira do outro lado da rua, mais adiante na direção do movimento dos carros. Ali vejo algumas pessoas em volta de alguém, mas não consigo ver grande coisa. Só ouço. Seja quem for ou o que for está agitado e fazendo confusão e algazarra. Seria um bêbado ou mendigo?

Não sei, mas sou tomado pela certeza de que é ali, do outro lado, que está o que importa. Nesse momento, olho para pai que tenho em mãos e ele agora com certeza é só um boneco, e o atropelamento perde seu caráter doloroso para tornar-se farsa. Vejo-o como aquelas bonequinhas que quando apertadas dizem "mamãe" ou "te amo". Aqui é "ai, ai".

Tinha saído do último momento de análise com tantas novidades e na certeza de um gozo deslocalizado. Esse sonho, especialmente a primeira parte, me deixou intrigado e mal-humorado. Será possível? Tudo igual? O jogo de olhares, hoje em minha vida, alimentava muito secundariamente meu gozo. Eu me dizia: Restará sempre um olhar nessa janela, já entendi, mas e daí? Culpa de novo? Novamente esse sentimento de querer fugir tendo que ser o médico? Já encontrara isso em tantos outros sonhos. O "tudo ou nada" aqui eram os carros, sua passagem na rua era aleatória como em tantas outras figurações do real. Não havia novidade.

Esse último período de análise ocorreu durante um congresso. Foram apenas duas sessões com intervalo de uma semana. Não falei do sonho na primeira, mas retomei o que havia de novo na relação com o Outro a partir de uma imagem emprestada das lembranças com meu pai. E essa imagem permitiu a interpretação do sonho na segunda sessão.

Retomei uma imagem que sintetizava o aspecto paradoxal do seu desejo: ele tinha quase cinquenta cachorros e sua *mão* vivia mordida por ter que pacificar as lutas. Essa mão inscrevia a mordida que autorizava a violência da pacificação, dos gritos ou da tortura. Mas essa inscrição tornava patente não apenas o desejo sádico do meu pai, mas igualmente como sua causa era a mordida, pois sem ela nada feito. Havia ali um "se fazer morder" de um circuito pulsional que me parecia também meu, com um "se fazer esmagar" como um mosquito.

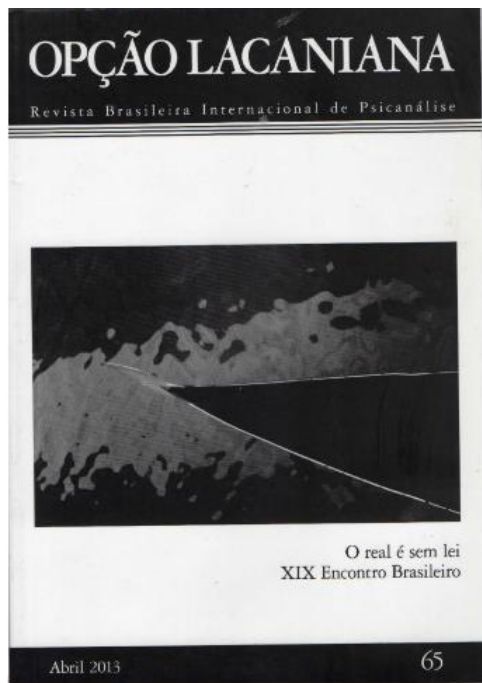
Saio dessa sessão ouvindo *mãomordida* e ao mesmo tempo, *morsure*, em francês (tanto "mordida" quanto "morte certa") e realizo então como a mão mordida interpreta o sonho. Bastava dizer, sobre aquela algazarra do outro lado da rua, "ali há um *mordido*".

Não o vejo, não tem corpo, mas está mordido. Não é exatamente o “mordido” dos dicionários, não é a mordida como castração, impotência. Essa é a do carro passando sobre o ombro do boneco. O mordido não é o boneco da calçada, não é um atropelado pela vida, como meus irmãos de clínica, ou o lado fracassado de meu pai. Ele é o lado agitado, animado, às vezes injuriado da vida, sem razão. É a vida mordida, é a vida que só é mordida, só *há* vida nessa mordidavida. Com essa condensação, a *mordidavida*, termino por montar um modo de colocar isso tudo e mais um pouco em um só dizer. Essa palavra diz, por exemplo, como essa rua do sonho era também o espaço entre dois de duas línguas: A morte certa do francês e o amor do português no *amordida*. A vida dolorosa do boneco a que fora reduzido o par mosquito-miquito, do ponto em que se situa a *mordidavida* do outro lado da rua se mostrava *fake*, risível. A vida da algazarra tem outro tom do que a do atropelamento. Esse, para mim é o real que vale mais, o que só tem leitura possível sob a condição de criar a paisagem em que se insere. A minha foi a dessa rua, escura, mas acesa por uma agitação sem corpo, só voz. Como mosquito eu sempre tinha sido bom de *zoom*, de panoramas e de mergulhos precisos, na vida e em até minha clínica. Como *miquito* tinha aprendido a suportar a presença do Outro o bastante para extrair ou ganhar dele um dizer. Agora era a sensação de que às vezes também se acerta na mosca.

O sorriso e o riso

Na segunda sessão desse último tempo de análise, ao relatar minha interpretação do sonho me vi só. O analista não parecia muito interessado, mas não era isso e sim a certeza de que ou bem eu faria minha essa interpretação, ou bem por ela eu me responsabilizaria para valer, ou não haveria nunca outro modo de ter certeza na vida. Isso só foi possível, porque aquilo pelo qual eu me responsabilizaria não era exatamente um saber, mas uma realidade, já estava presente como vida nova no corpo. Responsabilizar-me, sozinho por meu sonho a partir desse ponto de real foi minha passagem de analisante a analista. Analista não é um estado, mas uma função, não somos analistas no chuveiro, somos sempre analistas para alguém. Não passei então a ser analista ali, porque já tinha sido (e ainda sou de vez em quando) analista nas análises que conduzo, mas tornei-me analista de minha análise, de meu inconsciente. Assim entendo o que foi meu passe.

Voltei a Paris após alguns meses. As sessões desta quase pós-análise foram face a face. Ordenei um pouco as ideias que acabo de expor. A *mordidavida* não apaga a fantasia e o inconsciente, que continua a trabalhar a partir da mesma trama, apenas o desloca. Ela não é a castração apesar de sua coloração selvagem. Essa provavelmente não vai me abandonar, mas isso importa pouco diante das novidades que permite. A seguinte, por exemplo: num destes últimos encontros, vejo como o analista ri, mostrando os dentes. Nunca tinha reparado nisso, só me lembrava de seu sorriso e não de seu riso. Ao comentar essa observação, ele me oferece o que tomei por um último presente, lembra-me do sorriso do gato de Alice, já utilizado, creio, por J. A. Miller, para indicar o que resta do analista ao final, mas que para mim ganhava relevo único. Aquele sorriso que está agora em mim escrito será sempre riso, cheio de dentes, mordido, à procura de um Outro com quem conversar.



OPÇÃO LACANIANA
ISSN 1519-3128

Opção Lacaniana é uma revista psicanalítica brasileira internacional
Editada por Edições Eolia
Rua Albuquerque Lins 902/212 01230-000
São Paulo – SP – Brasil – Fax: (5511) 3826 9731

Colaboração: Fundação do Campo Freudiano e Associação Mundial de Psicanálise
Acordos com "La Lettre Mensuelle" da École de la Cause freudienne

Integra a rede Scilicet III que reúne ao lado de *Ornicar?* as seguintes publicações:
Clique, Belo Horizonte; *Cuadernos de Psicoanálisis*, Bilbao;
El Psicoanálisis, Madrid; *Freudiana*, Barcelona; *La Cause Freudienne*, Paris;
La Psicoanalisi, Roma; *La Psychanalyse*, Atenas; *Mental*, Paris-Bruxelas;
Opção Lacaniana, São Paulo; *Quarto*, Bruxelas

FUNDADORES: Antonio Benetì, Angelina Harari, Bernardino Home, Luiz Henrique Vidigal

DIRETOR: Jacques-Alain Miller

EDITORA: Angelina Harari

COORDENAÇÃO: Teresinha N. Meirelles do Prado

COLABORAÇÕES: Heloisa Caldas (*Tradução*), Marcus André Vieira (*Clássicos*),
Teresinha N. Meirelles do Prado (*Distribuição e Revisão Técnica*)

DIAGRAMAÇÃO: Angela Mendes e Fabiane Daniels

IMAGEM DA CAPA: Angela Mendes (fotografia)

Os colegas que desejarem receber *Opção Lacaniana*
por correio ou desejarem difundi-la, podem dirigir-se à
Redação pelo e-mail opcionlacaniana@gmail.com.

OPÇÃO LACANIANA
Revista Brasileira Internacional de Psicanálise

65

EDITORIAIS

Guy Briole – Um real para o século XXI. **3**
Luiz Fernando Carrizo da Cunha –
Perspectivas para o X Congresso da EBP. **7**

ORIENTAÇÃO LACANIANA - 10 ANOS DEPOIS
Jacques-Alain Miller – O real é sem lei. **9**

X CONGRESSO DA EBP
AVANT-PREMIÈRE DO PASSE
Marcus André Vieira – Moróclavida. **25**
Rômulo Ferreira da Silva – "Nem pênis, nem pinto?". **35**

XIX ENCONTRO BRASILEIRO DO CAMPO FREUDIANO
PLENÁRIA DO PASSE: OS ANALISTAS E O FEMININO
Leonardo Gornstiza – O incommensurável silêncio de uma mulher. **43**
Angelina Harari – O que há de feminino na mulher. **47**
Sérgio de Campos – Lagarta listrada. **51**

Ana Lydia Santiago – Do amor pelo pai ao feminino. **55**
Celso Reinó Lima – Analistas modernos ou contemporâneos? **61**

MULHER: IMPOSSÍVEL FIGURA

Marcela Antelo – Amanhecer de um aspecto. **65**
Marcus André Vieira – Mulher: figura impossível (ou "No literal"). **69**
Maria Josefina Seta Fuentes – Tormento feminino da impossível figura. **73**

AFINAL, QUAL É O SEXO?

Antonio Benetì – Qual é o seu sexo?. **77**
Sérgio Laia – A pegada masculina do gozo
na escala invertida da lei do desejo. **83**
Jéssus Santiago – A plasticidade da sexuação feminina. **89**
Heloisa Caldas – O binário lacaniano. **93**

PLENÁRIA DO PASSE: AE EM EXERCÍCIO
Graciela Broxhley – Parceiros. **97**

ABSTRACTS. 105

